

O carinho com que Lineuzinho envolve seus pais e demais familiares continua se fazendo presente, quer seja em sonho, quer seja "marcando presença", movimentando seu aparelho de barbear que ficara na fazenda para que sua mãe tivesse confirmadas as sensações de sua presença, ou mudando o canal de televisão, que seu pai estava assistindo, para um programa de rock. Música que seu pai quase nunca ouve mas ele, sempre que podia, ouvia.

Suas mensagens, esclarecendo dúvidas de seus familiares, trazem certeza e ensinamentos para muitos, como no caso de sua querida avó Joana, que sempre tivera muito medo de morrer e agora encontra-se plenamente confiante de que a vida é sempre vida, seja aqui, como nós, no plano físico a conhecemos, ou no além, comumente chamado de reino dos mortos.

Na certeza de que este é mais um Novo Companheiro a caminho da luz, despeço-me carinhosamente,

*Beatrix Galves
São Paulo, fevereiro de 1988*

O ACIDENTE

Na manhã de 12 de julho de 1985, quando completava 27 anos de idade, o engenheiro Lineu de Paula Leão Junior, que na véspera havia dirigido sua camionete por 860 quilômetros, viajando de Ituverava (SP) a Campo Grande (MS), dirigia-se para o centro comercial desta última cidade, através de sua avenida principal (com duas vias de tráfego e largo canteiro central) quando, em um dos seus principais cruzamentos, com o carro parado, aguardando o sinal verde, acabou sendo atingido pela traseira por um velho caminhão FNM. Este, desde que havia entrado na avenida, estava sem o funcionamento do cardã (a cruzeta não foi achada), o que demonstra o precário estado de sua conservação. Sem também a corrente obrigatória que seguraria o eixo do cardã, esta peça começou a bater no asfalto e a rachetear, de tal modo que inutilizou os canos dos freios e deu início às primeiras fagulhas de incêndio.

Utilizando uma via de tráfego proibida a caminhões, só o veterano motorista deve saber porque preferiu descer o acentuado declive da avenida, tendo certeza (tal o "rush" do momento) que o enorme caminhão vazio que dirigia só poderia parar utilizando como amortecedor um carro pequeno. O lógico seria guiar o veículo para o canteiro central, onde as árvores o parariam, sem perigo para ninguém.

Três quarteirões abaixo, realmente, motivou um dos maiores acidentes de trânsito da capital do Mato Grosso do Sul, com 10 veículos envolvidos. Apenas Junior morreu. Carbonizado, segundo o atestado de óbito.

A dor instalou-se na família enlutada e em muitos corações o desespero e o sofrimento fizeram seus nínnhos.

A FAMÍLIA

Junior, solteiro, era filho de Lineu de Paula Leão e Elza Telles Faleiros Leão. Ambos aposentados: ele, como ex-Deputado à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo; ela, como professora do magistério oficial daquele Estado. Dedicam-se atualmente à agropecuária em propriedades agrícolas localizadas nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Em Janeiro de 1985 mudaram seu domicílio da capital de São Paulo para Campo Grande, por ser esta cidade, geograficamente, ponto central em relação às suas atividades. E, também, porque em Campo Grande, pelo mesmo motivo, já residia a filha, Sandra Maria, casada com o Dr. Saturnino Fernandes, possuidores de um casal de filhos, de 6 e 3 anos.

O pai Lineu, foi criado em lar tradicionalmente espírita, eis que seus progenitores, Aristides de Paula Leão e Alayde de Paula Silveira, praticavam, enquanto vivos, o kardecismo, sendo que Aristides, por mais de três decênios foi presidente do Centro Espírita "Fé, Esperança e Caridade", de Ituverava (SP). Lineu, como a maioria dos homens, distanciou-se de sua religião, na ânsia da conquista de bens materiais. Jamais tentou passar aos filhos, Junior e Sandra, sua crença.

A mãe, Elza, formou-se professora em escola de freiras e praticava o catolicismo, ainda que concordasse com temas básicos da teoria espírita, mormente o da reencarnação.

Seus filhos, com liberdade de optarem pela religião que quisessem, frequentaram o curso ginásial em educandários católicos.

O ACIDENTADO

Lineu de Paula Leão Junior nasceu em Ituverava (SP), em 12 de julho de 1958. Cursou o ginásial no Arquidiocesano e o colegial no Objetivo, ambos em São Paulo. Formou-se engenheiro civil em Belo Horizonte.

Há um ano antes do acidente, praticava com sucesso a sojicultura e a pecuária em imóveis seus e ajudava seu pai na administração das propriedades deste.

Em carta de 15 de outubro de 1985, dirigida à Câmara Municipal de Ituverava (SP), em agradecimento a homenagem que a mesma prestara à memória de Junior, seus pais lhe traçaram o perfil:

"Modesto e humilde a mais não poder; jovial, honesto e sincero, simbolizava sempre a alma reta, do po-

vo ituveravense, ao qual, sempre proclamava, com alto e bom som, tinha a satisfação de pertencer. Filho boníssimo e carinhoso, tinha sempre nos lábios o sorriso franco e uma palavra de amizade aos que dele se acercavam."

Dentre seus livros, seus pais encontraram inúmeras obras espíritas, dentro as quais "O Evangelho Segundo o Espiritismo" de Allan Kardec. Souberam ainda que Junior, quando em Ituverava, frequentava, em companhia de sua namorada, o Centro Espírita do qual seu avô Aristides fôra presidente.

APÓS O ACIDENTE

Como uma mortalha, o sofrimento cobriu todos os sentimentos dos pais de Junior, tão inesperada e violenta foi sua morte, que o colheu no esplendor da vida, quando começava a colher o fruto de seus estudos e de seu trabalho.

O sofrimento, nas personalidades bem formadas, faz com que o amor se sobreponha à revolta e nos conduz ou nos retorna a Deus. E quando retornamos aos estreitos caminhos que nos conduzem ao Ser Supremo, observamos, com Léon Denis, que "a tristeza, o sofrimento, fazem-nos ver, ouvir, sentir mil coisas, delicadas ou fortes, que o homem feliz ou o homem vulgar não podem perceber".

Mostra-nos o sofrimento pela perda de um ente querido, que as conclusões parapsicológicas apenas estão confirmando os princípios da Ciência Espírita. Assim, as faculdades paranormais ou psi; a natureza extra

física da mente e do pensamento; os fenômenos téta, agêneres, a mecânica quântica da consciência, a psigama ou psicapa (mediunidade inteligente e de efeitos físicos) e outros, vêm sendo proclamados pelo espiritismo desde sua codificação.

O sofrimento e o desespero não conduziram os pais de Junior à revolta e à vingança. Fizeram-nos, sim, retornar, humildes, à religião. E levaram-nos a Chico Xavier.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

A humildade, a brandura, a honestidade transparente, a alegria na dor, a resignação no sofrimento do grande médium levaram às suas almas os primeiros lenitivos. Suas mentes começaram a sair do tumulto em que se encontravam.

A simples presença de Francisco Xavier tranquiliza; ela como que harmoniza as mentes presentes em pensamentos de fraternidade e amor; expulsa do ambiente, como em passe de mágica, os pensamentos mesquinhos ou falsos.

Pobres ou ricos; cultos ou analfabetos; pretos ou brancos; poderosos ou humildes, todos, diante da presença física daquele homem, sentem-se iguais, como iguais devem ser todos os filhos de Deus.

Ao ouvir suas palestras e suas respostas aos múltiplos problemas que lhe são expostos, mais o admiramos, tal a tranquilidade que advém de suas palavras.

Os ambientes humildes de sua residência e de sua casa de preces recendem paz e transmitem serenidade.

Que é um homem bom, simples e modesto, tudo o indica. Mas deve ser também um homem culto, ainda que sem ostentar láureas acadêmicas. Senão, como dissecar tantos e complexos temas com a habilidade do mais exímio cirurgião? Senão, como comentar conceitos de "A Grande Síntese", de Pietro Ubaldi, à frente de seu autor, como nos conta o Prof. Clóvis Tavares em seu livro "Trinta Anos com Chico Xavier"?

UM DIA ANTES DA PRIMEIRA MENSAGEM

Os pais de Junior sabiam que suas preces poderiam ser efetuadas em qualquer ambiente. Contudo, as ondas do fogo que consumiram o corpo físico do filho querido, comumente brotavam em seus corações, incendiavam suas mentes e turvavam suas vidas. Por mais que corressem em suas faces, silenciosas e tristes, eram poucas suas lágrimas para abrandarem o fogo do sofrimento e da saudade.

A paz que emana de Chico Xavier e dos ambientes em que ele se encontra, todavia, fazia com que as preces que pronunciavam em sua casa ou em seu centro, como que os aproximavam mais de Deus e do filho que partira tão cedo.

Na sexta visita ao "Grupo Espírita da Prece", de Chico Xavier, dia 1.11.85, os pais de Junior observaram que uma senhora da mesa diretora dos trabalhos os observava constantemente.

Posteriormente, esta senhora dirigiu-se à Da. Elza, perguntando-lhe:

"-Seu filho desencarnou recentemente?"

Diante da resposta afirmativa, continuou:

"- Ele parecia consigo. Apenas o rosto era mais fino e comprido. Sorriso largo, com os bonitos dentes superiores se mostrando todos, à frente, não?"

Surpresa, novamente Elza confirmou os dizeres da interlocutora e mostrou-lhe um retrato recente do filho, no qual, por defeito fotográfico, Junior estava mais moreno que na realidade era.

"- Este mesmo. Mas bem mais claro.", disse a senhora.

Os pais de Junior se admiraram e perguntaram-lhe se havia conhecido seu filho e onde ela o havia visto.

"- Não o conheci quando em vida. Mas, durante os trabalhos desta noite, não pude deixar de observar aquele rapaz ao lado de vocês, sorrindo. E, quando a senhora chorava, lágrimas também desciam dos olhos dele."

Citada senhora, Da. Guiomar Albaneze, diretora do "Centro Espírita Perseverança", de São Paulo, e de outras obras sociais daquela Capital, com seus dizeres, animou os pais do falecido, pois se ela, médium vidente, observara Junior ao lado deles seria porque ele estaria próximo a lhes transmitir algo.

Realmente, na madrugada do dia seguinte, 2.11.85, pela mediunidade assombrosa de Chico Xavier, Junior transmitiu a seus pais sua primeira mensagem, 3 meses e 20 dias após sua morte.

AS MENSAGENS

Na primeira mensagem, de 2.11.85, Junior explica

os fatos ao acidente; descreve o seu desenlace, o novo ambiente em que se encontra e, acalmando os pais, traça o procedimento que julga correto para o futuro. É uma comunicação que demonstra as atribulações que atravessam os espíritos de todos que foram envolvidos pelos fatos narrados, inclusive o do comunicante.

A segunda missiva (1.3.86) já espelha o que Junior foi na vida terrena: um jovem intimamente alegre, calmo, caridoso e, principalmente, modesto.

A terceira (4.7.86) reflete a preocupação do filho com a saúde do pai. Ensina a respeito da proteção dos espíritos no ambiente hospitalar e, principalmente, sobre o poder da prece.

Na quarta (28.9.86), Junior discorre sobre atos e fatos familiar. Nota-se ainda seu apego às coisas terrenas.

A quinta epístola, recebida na véspera dos finados de 1986, é dedicada aos "mortos-vivos". Doutrinariamente, é elucidativa; literariamente, é poética.

A sexta mensagem (14.2.87) é uma verdadeira lição de tolerância religiosa.

Na carta de 3.5.87 - sétima - há a força do estímulo e do entusiasmo.

Na madrugada do dia que marcava o segundo ano do acidente que vitimou Junior (12.7.87), ele deu sua oitava mensagem. Já com o espírito mais estabilizado, recorda as minúcias do evento, complementando então a primeira missiva. É um hino de louvor à resignação e aos desígnios da providência divina. "Se formos fazer a listagem dos benefícios que recebemos nesses dois anos, todas as nossas dores ficarão para trás", resume ele.

Para melhor compreensão das mensagens - prova inofensável da comunicação dos chamados "mortos"

com os chamados "vivos", nelas foi efetuada a necessária numeração, com a significação abaixo:

- (1) -Junior desencarnou no dia de seu aniversário, completando 27 anos.
- (2) -Realmente, dia 12.07.85, sexta-feira, nasceu de sol claro, numa manhã das mais belas.
- (3) -O pai de Junior se encontrava, no dia do acidente, em uma de suas fazendas. Dias antes, em comunicação por rádio, com seu filho, que se encontrava em Ituverava, informara ao mesmo que a festa de seu aniversário seria no sábado, dia 13, conforme combinação que fizera com a esposa e quando chegaria da fazenda. Junior, porém, ao chegar ao lar, em Campo Grande, insistiu com a mãe que o pai viria à tarde de sexta, para seu aniversário. Realmente, seu pai veio. Avisado pelo rádio, ao meio dia de sexta, do acidente ocorrido com o filho, chegou em casa não para a festa de seu aniversário mas, sim, para o seu velório.
- (4) -Aristides de Paula Leão, avô paterno de Júnior. Nasceu em 28.8.1888 e desencarnou em 6.5.1976. Homem de extraordinária bondade, espírita convicto, fazia da caridade o seu apostolado.
- (5) -Aristides Waldomiro Nery, nasceu em 1.12.1883 e desencarnou em 29.1.1962. Kardecista vibrante, contemporâneo de Eurípedes Barsanulfo, palmilhou, tal como o mestre de Sacramento, a estrada da humanidade, da caridade e do bem servir ao próximo durante toda sua vida. Residia, quando vivo, em Igarapava, de cujo Centro Espírita foi um dos fundadores.